

A criança que não queria crescer

CARTA A UMA MENINA POETA

Quando Paul, o meu amigo, escreveu «A criança que não queria crescer», a tua mãe ainda era pequena. Recordas-te, sem dúvida, de que havia uma guerra, algures, e de que as crianças felizes a entreviam, por vezes, no cinema. Agora, basta ligar a televisão para que todas as ameaças do mundo entrem pelo teu quarto dentro.

Por isso pensei que seria preciso publicar, de novo, o conto que Paul considerava inacabado, para que as crianças o lessem. Completei-o com alguns versos dele.

Espero que também tu tenhas vontade de escrever poemas contra a guerra, de explicar aos homens, “essas crianças de outrora”, como a guerra é feita, embora a terra seja tão bonita. Se as crianças tiverem olhos de luz, “a esperança voará”, e ninguém terá medo de viver. E os poetas sairão vencedores.

Abril 1980,
Jacqueline DUHÊME

“Tivemos sempre mais magia do que as fadas”.

Era uma vez uma menina a quem a mãe tinha chamado Carolina: por ser um nome de ilha, um nome de barco e um nome de princesa. Sabes o que é uma princesa? Penso que a mãe da Carolina também não sabia.



Para ela, uma princesa era uma jovem vestida de seda cor da lua, que fazia o que queria num jardim onde as flores são sempre belas e os frutos sempre maduros. E Carolina era uma menina feliz: o sol do amor da mãe fazia-a viver num jardim sempre cheio de flores e de frutos.



Ainda ontem

*Nasci nos braços trémulos
De uma família humilde e terna*

*Que todos os dias me elogiava
Sem que eu pudesse corresponder
Pois queria ficar sempre criança*

*Nos meandros do meu quarto,
Insensível à impaciência
Só sonhava com janelas*

*E chorava tanto
Que a terra inteira se ria
Com o meu desgosto.*

Carolina tinha uma boneca muito pequenina, mas muito bonita, que fechava e abria os olhos. Também tinha um cão a quem por vezes batia, mas ele nem sequer se zangava.

*Os jogos dos nossos filhos
De tão simples tornam-se maravilhosos
Vejo a felicidade de uma criança
Na boneca, na bola ou no sol que brilha.*

À tardinha, Carolina fazia os deveres na cozinha bem aconchegante. O cão dormia a

seus pés, resmungando de vez em quando e agitando as patas, como se estivesse a correr em sonhos. Só quando era preciso pôr a mesa é que ela se arrastava, como fazem muitas crianças...

Estou feliz

Por te sentires tão alegre

Menina dos meus sentidos

Menina da minha ternura.

Um dia, levaram Carolina ao cinema ver um filme a cores. Talvez fosse *A Gata Borracheira* ou *A Bela Adormecida*. Não me recordo. Só sei que antes do filme mais longo, passaram um outro, mais curto. Era estranho e horrível, e chamava-se *Actualidades*.



Perdida fiquei

De repente

Acometida por monstros.

Carolina viu homens a matarem-se com armas terríveis, viu casas a esboroarem-se entre chamas, e crianças famélicas em farrapos, estendendo as mãos para um pouco de pão. No ecrã, uma menina com uma criança a chorar nos braços fugia diante de soldados armados até aos dentes.



*O dia escorre
E o vento desfaz-se
Num deserto inóspito
A criança empalidece.*

Carolina foi logo levada para casa e deitaram-na na cama, com a sua bela boneca. Mas nada podia desfazer aquelas imagens e a menina chorou toda a noite.

*Tudo ficou destruído
Diante dos meus olhos
Um rato subiu ao telhado
Uma ave escondeu-se na cave.*

A partir daquele dia, Carolina não foi mais a mesma. Às escondidas, lia os jornais que contam as histórias tristes dos homens. A mãe via-a emagrecer e empalidecer e todo o seu amor era impotente para esconder de Carolina a lama das ruas, as paredes sombrias, as faces tristes e as meias rotas dos mais pobres dos seus colegas.

*Na padaria
Não há apenas pão branco
Na rua não há apenas sol.*

Durante semanas a fio, Carolina deixou a boneca no berço com os olhos fechados. O cão queria brincar com ela, mas a menina acariciava-o com um ar distraído. Quando o animal via os seus olhos tristes (os cães sabem ler os olhos), ia deitar-se, escondido, num canto.

*Uma criança chora
Fechada na gaiola
Do seu desgosto.*

Chamaram o médico, que examinou longamente Carolina e declarou que a menina não estava doente. Precisava apenas de se distrair. Mas é bem difícil distrair uma menina que não se interessa por nada. Sempre que lhe faziam uma pergunta, Carolina respondia:

— Não quero crescer, não quero crescer!

Ninguém compreendia. Em geral, todas as meninas querem crescer. Ninguém percebia que Carolina tinha medo de um mundo onde as crianças morrem de fome, de frio, ou do fogo da guerra. O que Carolina queria era refugiar-se no jardim da sua infância.

*A criança vê a noite
Lá em baixo.*

*Se morrer,
A noite toma o seu lugar.*

O Verão passou, e as aulas iam começar. A mãe de Carolina esperava que a escola sacudisse a indiferença da filha. Começou a preparar as roupas de Inverno, mas deu-se conta de que não seriam precisos arranjos ou roupas novas. Apenas pôr solas novas nos sapatos. CAROLINA DEIXARA DE CRESCER.



A mãe, aflita, media a filha todos os meses. Mas a menina nunca ultrapassava a marca da Primavera anterior, a marca que tinha sido feita no dia do seu aniversário. Todos estavam aterrados. Apenas Carolina se sentia encantada. Queria tanto deixar de crescer! Tinha-o pedido aos pássaros, às nuvens, às árvores.

E o seu desejo tinha sido satisfeito: não mais deixaria o seu jardim encantado. Tinha pena de não estrear vestidos novos, mas o que era isso comparado com ficar pequenina para sempre, bem junto da mãe, do cão e da boneca?

*Criança sempre enroscada
Num tempo desigual
Concha petrificada
Ponto minúsculo e perfeito na infância.*

Os meses passaram e as pessoas habituaram-se a ver Carolina sempre pequenina (as pessoas habitam-se depressa ao que acontece aos outros). Durante um ano, dois anos, três anos, nada mudou. O cão tornou-se mais sossegado, um pouco menos brincalhão (dois anos na vida de um cão notam-se bem), e a boneca, à força de ser tantas vezes vestida e despida, ficou com os braços um pouco descolados. A acácia do pátio tinha crescido tanto que Carolina via os seus ramos da janela do quarto. A mãe tinha-se resignado a ter uma filha que já não cresceria. Mas... o sonho de todas as mães não é mesmo ter filhos que não cresçam?

*Tudo muda.
A colheita torna-se de novo
Grão de trigo moído.
A flor volta a ser botão.*



Tudo era paz e harmonia até que, um dia, no recreio, Carolina quis juntar-se a um divertido grupo de colegas. Mas um rapaz da sua sala, bastante crescido, disse-lhe:

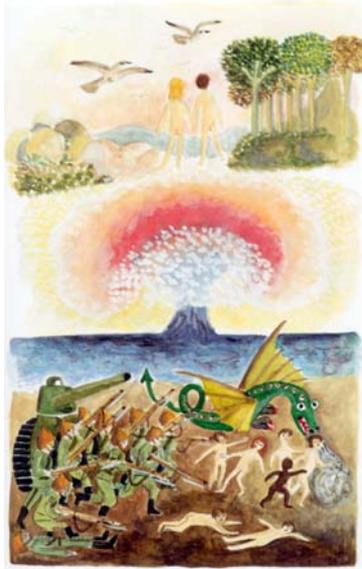
— Tu não podes brincar connosco; és muito pequena!

Carolina sentiu-se envergonhada e regressou a casa pensativa. Talvez tenha sido nessa mesma noite que se deu conta de que o cão se tornara demasiado impassível e a boneca demasiado velha.

*Num céu dilacerado
As estrelas já não brilham.*

Carolina começou a afastar-se dos jogos dos outros alunos. Começou a ler muito, a ler tudo o que encontrava: contos, romances de aventuras, e até livros de histórias. A mãe tinha mesmo de se impor para que ela apagasse a luz à noite. Nos livros, a menina descobria um mundo cheio de pesadelos, como os das Actualidades, mas também descobria um mundo cheio de sonhos e de esperança.

*Os olhos das crianças cintilam
No enleio da corrente
No labirinto das chamas
Num campo bem lavrado
Ou numa espiga bem madura.*



Carolina lia e relia uma história que contava como uma pobre e pequena princesa, guardada por monstros terríveis, tinha sido libertada por um belo e corajoso jovem, com o qual casou. Tiveram muitos filhos e foram muito felizes. Em redor deles, todos eram felizes e não havia guerras.

*Nós os dois de mãos dadas
Em qualquer parte nos sentimos bem
Por entre sábios e loucos
Crianças e adultos.*

Certa noite em que Carolina tinha relido o seu conto favorito, sonhou que tinha sido encerrada numa caverna sombria. O belo príncipe olhava-a com estranheza e dizia-lhe:

— És pequena demais.

Carolina sentiu-se tão triste e abandonada que acordou a chorar. Ainda em camisa de noite e descalça, foi até à janela, aberta para as estrelas, e soluçou:

— Quero crescer, quero crescer.

*Não percamos nunca
O fio da esperança
Não recusemos nunca
Os nossos sonhos.*

O sol já se tinha posto quando Carolina acordou no dia seguinte. Ensonada, levantou-se e lavou-se maquinalmente, porque estava cheia de fome e queria tomar o pequeno-almoço. Mas, quando quis vestir-se, deu-se conta de que os sapatos já não lhe serviam. Enfiou-se a custo no vestido, que rebentou pelas costuras, e lhe ficava ridiculamente curto. Carolina tinha crescido!

Era uma menina como as outras, podia viver como as outras. A mãe, espantada, desatou a comprar sapatos e vestidos novos, bem mais bonitos do que os que a filha até então tivera. E todos reagiram como quando Carolina deixara de crescer, porque ambas as situações eram igualmente inexplicáveis.



Carolina tentou compensar o tempo perdido, tornando-se uma bela jovem, um pouco mais sensata e apaixonada do que as outras. Como havia reencontrado o seu caminho, agora via tudo com mais clareza.

*Claro ver e reconhecer-se
Num prado verde e azul
Por entre cavalos e perdizes
Ou num prado branco e preto
Onde corvos e raposas vagueiam
Ver claro no canto dos sapos
Na desordem dos insectos
Nos astros orvalhados
Em ovos já chocados
No calor liso e puro
Num invernal vento duro
Num mundo
Que morre e renasce.*

Paul Éluard
L'enfant qui ne voulait pas grandir
Paris, Pocket Jeunesse, 1999
(tradução e adaptação)